

CRÔNICA DA CASA ASSASSINADA

LÚCIO CARDOSO

Crônica da casa assassinada

Prefácio

Chico Felitti

Copyright © 1988 by Rafael Cardoso Denis
Copyright do prefácio © 2020 by Chico Felitti

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Guilherme Xavier

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Ana Maria Barbosa

Adriana Moreira Pedro

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção;
não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cardoso, Lúcio, 1912-1968

Crônica da casa assassinada / Lúcio Cardoso ; posfácio
Chico Felitti. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2021.

ISBN 978-65-5921-031-2

1. Ficção brasileira I. Felitti, Chico. II. Título.

21-56226

CDD-B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

<i>Prefácio: Chico Felitti</i>	9
1. Diário de André (conclusão)	21
2. Primeira carta de Nina a Valdo Meneses	39
3. Primeira narrativa do farmacêutico	49
4. Diário de Betty (I)	56
5. Primeira narrativa do médico	73
6. Segunda carta de Nina a Valdo Meneses	85
7. Segunda narrativa do farmacêutico	95
8. Primeira confissão de Ana	110
9. Diário de Betty (II)	121
10. Carta de Valdo Meneses	130
11. Terceira narrativa do farmacêutico	137
12. Diário de Betty (III)	146
13. Segunda narrativa do médico	155
14. Segunda confissão de Ana	166
15. Continuação da segunda confissão de Ana	177
16. Primeira narração de Padre Justino	187
17. Diário de André (II)	199

18. Carta de Nina ao Coronel	211
19. Continuação da carta de Nina ao Coronel	219
20. Diário de André (III)	224
21. Diário de André (IV)	236
22. Carta de Valdo a Padre Justino	244
23. Diário de Betty (IV)	252
24. Terceira narrativa do médico	262
25. Diário de André (V)	272
26. Diário de André (V) (continuação)	282
27. Terceira confissão de Ana	291
28. Segunda narração de Padre Justino	300
29. Continuação da terceira confissão de Ana	304
30. Continuação da segunda narração de Padre Justino	310
31. Continuação da terceira confissão de Ana	316
32. Fim da narração de Padre Justino	326
33. Fim da terceira confissão de Ana	331
34. Diário de Betty (V)	339
35. Segunda carta de Nina ao Coronel	346
36. Diário de André (VI)	353
37. Depoimento de Valdo	366
38. Diário de André (VII)	374
39. Depoimento do Coronel	384
40. Quarta confissão de Ana	395
41. Diário de André (VIII)	408
42. Última narração do médico	416
43. Continuação do diário de André (IX)	425
44. Segundo depoimento de Valdo (I)	436
45. Última confissão de Ana (I)	443
46. Segundo depoimento de Valdo (II)	450
47. Última confissão de Ana (II)	456
48. Diário de André (X)	462
49. Segundo depoimento de Valdo (III)	468
50. Quarta narrativa do farmacêutico	476
51. Depoimento de Valdo (IV)	485
52. Do livro de memórias de Timóteo (I)	498

53. Depoimento de Valdo (v)	506
54. Do livro de memórias de Timóteo (II)	516
55. Depoimento de Valdo (VI)	524
56. Pós-escrito numa carta de Padre Justino	532
<i>Crônica de Clarice Lispector</i>	549
<i>Sobre Lúcio Cardoso</i>	553

Prefácio

Chico Felitti

Crônica da casa assassinada começa com uma cena que poderia ser estátua renascentista mas que é feita de palavras. Quando o leitor cruza os pórticos da Chácara — a casa misteriosa e decadente do título —, encontra escondida num quarto no interior de Minas Gerais uma *Pietà* invertida: o filho, André, tem nos braços a mãe moribunda. O mármore da estátua vira carne, osso e câncer na cena que abre o livro, já indicando um amor pouco convencional. Não corrente também é o fato de ele chamar a mulher de Nina, em vez de chamá-la de mãe; a única vez em que a chama dessa maneira, a mulher, mesmo à morte, acha forças para protestar: “Mãe! Você nunca me chamou de mãe... por que isto agora?”.

Parte dessa tão chocante quanto bela cena a história dos Meneses, família católica rica (mas não tão rica quanto a geração anterior e certamente mais empobrecida que os Meneses de cem anos antes) e excêntrica, que é uma espécie de cartão-postal para o inconsciente coletivo da região de Vila Velha, onde a Chácara fora construída havia séculos. Os Meneses vivem mais de memórias do que de dinheiro, são reclusos e de poucas palavras. No livro, são apresentados como “uma família arruinada do sul de Minas, que não tem mais gado em seus pastos, que vive de alugar esses pastos quando eles não estão secos”.

Há na casa três irmãos: Demétrio, o mais velho; Valdo, o do meio; e Timó-

teo, o menor, mas já adulto e entrando numa decadência que imita a da casa. Além dos irmãos, temos os funcionários e uma agregada, Ana, a esposa de Demétrio. Mas não há nada que os pareça unir, a não ser a obrigação de morar sob o mesmo teto. A matriarca da casa é a própria casa — é a Chácara, com inicial maiúscula, como convém ao nome de uma pessoa. Suas alamedas são veias que irrigam o coração que é a casa-grande e o Pavilhão, um edifício abandonado no jardim do mesmo terreno. O Pavilhão é um órgão estranho e de função desconhecida, como um apêndice, que só serve para inflamar as relações familiares e oferecer um oásis da Chácara dentro da própria Chácara.

O equilíbrio mudo e precário da casa é rompido quando vem do Rio de Janeiro uma jovem linda, prometida em casamento para Valdo. Nina é uma lufada de brisa do mar que invade o interior de Minas, coisa insustentável para aquela casa que vive de um ar há séculos parado. Nina traz seus chapéus, seus vestidos com bordados e fru-frus supérfluos, e palavras que demonstram ambição demais para uma mulher, de quem se espera um comportamento em tons sóbrios, como o de Ana. Mas Nina é uma cor viva e chega ao interior proferindo frases como “ah, jamais tive paciência para ser pobre”, antes de descobrir que o marido faz parte de uma família tradicional e influente, mas com muito menos dinheiro do que ela havia previsto.

A chegada da forasteira nos conduz pelo mundo insular da Chácara — tão insular que as pessoas fadadas a morar ali passam a se reproduzir, às vezes literalmente, em cativeiro. “Essas velhas famílias sempre guardam um ranço no fundo delas”, escreve Lúcio Cardoso. O ranço, no caso, é o irmão mais novo, que se isola em seu quarto, e há anos não tem contato com Valdo e Demétrio. Timóteo está trancado dentro de uma casa de trancados, como se fosse a menor boneca matriosca de todas — a que nunca será aberta, e que morrerá com um segredo enterrado dentro de si. É um personagem construído com mistérios. Veste-se com as roupas que foram da mãe. Esconde as joias que também foram dela. Seu único contato com o mundo externo a seu quarto é Betty, a governanta da Chácara.

“Acho que nasci com a alma em trajes de grande gala”, é uma das poucas explicações que Timóteo dá de si mesmo. De resto, ele não se justifica. Só vive. Vive trancafiado, acreditando que tem alguma ligação mística com Maria Sinhá, uma antepassada que sofria do que a família considerava uma maleita paralela à dele. Em vez de desmaiar e se entediar, como convinha a uma don-

zela, Maria Sinhá vestia roupas tidas como masculinas e saía pela fazenda, então maior e mais rica, açoitando escravos. Um dos momentos mais aflitivos do livro é o encontro de Betty, a governanta instada por Timóteo a procurar pelo passado, com o único retrato de Maria Sinhá, exilado por Demétrio no fundo do porão. Porque ela encontra o retrato da antepassada e vê nele semelhanças com Timóteo, que sente dividir uma alma com Maria Sinhá, mas ainda é visto pela família só como um doente. Uma aberração. Num conflito, um dos irmãos mais velhos de Timóteo ameaça interná-lo num manicômio, a fim de que ele se trate da sua loucura para todo o sempre: “Timóteo sempre foi um temperamento esquisito, de hábitos fantásticos, o que obrigou a família a silenciar sobre ele — como se silencia sobre uma doença”.

A narrativa de *Crônica da casa assassinada* é um exercício de claustrofobia literária. Os personagens estão presos na Chácara. Estão presos em costumes e tradições que não cabem mais. Estão presos em desejos que não podem nunca sair do coração deles. Estão presos nos seus pensamentos, que vertem para o papel. O leitor e a leitora, pelo contrário, ficam livres para navegar nos cantos, tanto da Chácara como das pessoas. O texto não tem um narrador único. É contado pelo ponto de vista espatifado de cada pessoa que passa pela Chácara e por seus moradores: o farmacêutico, o padre, o médico, a governanta Betty, os irmãos Meneses, Nina, Ana e André. Cada capítulo é uma missiva de um desses personagens tentando comunicar ao mundo o que acontece naquela casa sitiada: confissões religiosas que jamais serão entregues, diários, cartas, bilhetes de amor escondidos embaixo de tijolos soltos que ilustram a decadência da casa. Cada trecho tem beleza própria, conta um ponto de vista da história e reluz, mas, como nos vidros coloridos que compõem um vitral, as peças incorporadas ganham uma nova imagem e coam a luz que vem do mundo externo, que parece nunca alcançar a Chácara.

A história da Chácara é uma trança de muitas solidões. Como ponderaria Nina no meio do livro: “[...] ninguém compreende. A verdade é uma ciência solitária”. Mas ela esquece de dizer que não há verdade absoluta na obra maior de Lúcio Cardoso. Os relatos se contradizem, são influenciados por interesses pessoais e por paixões escondidas que contaminam a narrativa. Talvez, um dos muitos trunfos do livro seja mostrar que um fato é só uma questão de ponto de vista. Ou, como escreveria o autor em seus diários: “Eu não estou contando fatos, estou contando as experiências desses fatos”.

Porque a *Crônica da casa assassinada* tem muito de crônica da vida do próprio autor. Nascido também no interior de Minas Gerais, em Curvelo, em 1912, Lúcio Cardoso vinha de uma família de tradição. Era irmão de um deputado federal que depois viraria ministro do Supremo Tribunal Federal e irmão de outra escritora, Maria Helena Cardoso, que narrou as memórias da família em dois livros. Em entrevistas, ele admitiu que transplantou para a sua literatura o catolicismo reinante na sua família. Mas transformou a religião em manto estético que cobre a beatice dos personagens e garante uma voz na figura do padre. “O diabo, minha filha, não é como você imagina. Não significa a desordem, mas a certeza e a calma.”

A estreia de Cardoso na literatura se deu, inclusive, com um romance de inspiração familiar: *Maleita*, a história de um homem, inspirado pelo pai de Lúcio, que chega a uma cidade mineira com o intuito de levar o progresso financeiro para lá, mas se encontra com um povo desconfiado e cheio de segredos — alguns deles sombrios como os que são expostos em *Crônica da casa assassinada*. No seu segundo romance, *Salgueiro*, publicado dois anos depois, em 1935, o interior de Minas é substituído pelo morro de Salgueiro, onde nasceria a escola de samba carioca, para contar a história de três gerações, com uma abordagem mais personalista do que realista.

Contemporâneo de Jorge Amado, muito dava a crer que Lúcio seguiria por um caminho regionalista, retratando as Minas Gerais das quais saiu para ir morar e estudar no Rio de Janeiro. Seus primeiros dois romances foram bem recebidos pela crítica, e pareciam integrar a segunda fase do modernismo literário brasileiro, ao lado de obras de autores como Rachel de Queiroz e José Lins do Rego. Mas Lúcio rumou cada vez mais para dentro. Não para dentro de um estado ou do sertão, mas para dentro dos seus personagens: seus escritos passaram a ser cada vez mais psicológicos. A escrita claustrofóbica aparece neste romance nas seiscentas páginas, há meia dúzia de ações, e elas acontecem quase todas na cabeça dos protagonistas. É um livro de ação, mas de ações internas que correm no sangue dos personagens e rodopiam nas circunvoluções do cérebro. Essas ações internas revolucionaram também dentro do próprio Lúcio Cardoso, que em seus diários escreveu: “Todas as paixões me pervertem. Todas as paixões me convertem”.

“Não há pior sofrimento do que permanecer à margem”, registrou Lúcio, também em seus diários, no que parece ser uma fala que caberia a Timóteo.

Mas, como Timóteo, que vive sozinho num quarto para poder ser a pessoa que é, Cardoso foi tráfegando mais e mais para a margem com o avançar da vida, até que em 1959, aos 47 anos, lançou esta que é sua obra-prima. Logo depois da sua publicação, o crítico Olívio Montenegro ataca o livro no *Diário Carioca*, atribuindo a ele um “caráter imoral”. A resposta vem não de outros críticos, mas de autores como Manuel Bandeira e Aníbal Machado, que saem em defesa da obra, elogiando sua profundidade temática, riqueza formal e inovação. E o livro foi um sucesso. Não é de hoje que polêmica vende.

Na literatura, Lúcio Cardoso rompeu com regras, com tabus e com a corrente predominante da literatura do seu tempo, o regionalismo. Rompeu com a necessidade de mostrar as idiossincrasias de um país tropical, e decidiu focar num mergulho profundo pelos sentimentos dos seus personagens, que poderiam estar numa chácara perto de Vila Velha, mas também poderiam morar numa fazenda na periferia de Joanesburgo, ou numa chácara nos arredores de São Petersburgo. A tradicional família brasileira deste livro é a tradicional família universal.

A maestria com que pintava mapas dos mundos que existem dentro dos personagens trouxe a Lúcio fama em vida. E trouxe também admiradores que bebiam da sua criação literária, e que se tornariam nomes conhecidos mundialmente. Lúcio Cardoso foi amigo e amor de Clarice Lispector, para quem por décadas a crítica quis empurrar um romance que pode não ter havido. “Enquanto escrevo levanto de vez em quando os olhos e contemplo a caixinha de música antiga que Lúcio me deu de presente: tocava como em cravo a ‘Pour Élise’. Tanto ouvi, que a mola partiu. A caixinha de música está muda? Não. Assim como Lúcio não está morto dentro de mim”, escreveu Clarice em janeiro de 1969 numa crônica no *Jornal do Brasil*. O autor foi um dos primeiros a trazer a público sua homossexualidade. Em 1949, dez anos antes de lançar seu romance mais conhecido, já dizia abertamente nos seus círculos mais próximos que era gay, e fazia, no poema “Receita de homem”, a lista do que um amante precisaria ter:

*Depois deve ser alto,
sem lembrar o frio estilo da palmeira.
Moreno sem excesso para que se encontre
tons de sol de agosto em seus cabelos.*

*E nem louro demais para que, de repente
no olhar cintile algo da cigana pátria adormecida.
E que tenha mãos grandes, para demorados carinhos
e adeuses que se retardem ao peso do próprio gesto.
Pés grandes, também, por que não,
para que os regressos sejam breves
e haja resistência para as conjuntas caminhadas.
Os olhos falem, falem sempre, falem
de amor, de ciúme, de morte ou traição.
Mas que falem. Porque o homem sem a música dos olhos
é como sepultura exposta ao sol do meio-dia.*

O embate com a norma às vezes pulava do campo das palavras. Lúcio Cardoso usou os punhos para combater o preconceito. José Lins do Rego estava na porta da livraria José Olympio, no centro do Rio, conversando com “camaradas marxistas”. O assunto era a indignação com *Mundos mortos*, romance de Otávio de Faria que havia sido publicado em 1937. A bronca de Lins do Rego e dos amigos era que o livro tratava de jovens lidando com a sexualidade (e a homossexualidade dentro de um colégio de padres), e não serviria para o que chamavam de “o bem social”. A edição de 21 de dezembro de 1960 do jornal *O Povo* narra que, bem nesse momento, Lúcio Cardoso chegou à livraria. No relato do diário, José Lins do Rego olhou para ele e disse: “Cambada de carolas, carolas, carolas!”. Lúcio parou e o questionou: “Que é?”. Rego respondeu: “Não é com você, é com o Otávio”, e teria feito uma piada homofóbica. Registrou-se que Cardoso respondeu com os punhos. “E há luta. Pancadaria!”, diz o jornal, e continua: “Apartaram... e quando apartaram o Sr. Lins do Rego — cabelo assanhado — foi lá para o fundo, resmungando, resmungando, apalhado...”. O próprio autor parecia ver algum divertimento nesses fatos. O trecho de *O Povo* que guarda o relato da briga foi encontrado pela pesquisadora Cássia dos Santos, da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), nos arquivos do próprio Lúcio Cardoso.

Como Timóteo, Lúcio teve um derrame cerebral. Mas, diferentemente do personagem, seguiu na lida da arte. Ainda que tivesse perdido os movimentos de um lado do corpo, o que o impedia de escrever, passou a pintar com mais frequência, isolado em sua casa. Enquanto isso, a *Crônica da casa assassinada*

conquistava espaço. Ganhou com as décadas algumas novas edições, menos do que merecia. A prova disso é que virou objeto de culto, com tomos de seiscentas páginas por um salário mínimo na internet. Agora, a obra maior de Lúcio Cardoso volta a ser editada, e para novas gerações que poderão se encontrar nela.

O livro, fechado, é um tijolo que poderia ser usado para erigir uma parede no meio do sertão mineiro. Mas, aberto, o tomo ganha o peso de um pensamento: é leve, fluido, causa taquicardia como se fosse escrito com adrenalina. Ao fechar-se *Crônica da casa assassinada*, a Chácara fica tatuada na retina e passa a morar na mente. Ou, como o próprio Lúcio Cardoso escreve: “Mas a imagem da casa lacerada, como se fosse um corpo vivo, não me saía mais do pensamento”.

Italo Calvino elencou catorze critérios para um livro ser considerado um clássico. A sexta exigência é: “Um clássico é um livro que nunca exauriu tudo o que tem a dizer para os leitores”. Barbra Streisand, num palco de Las Vegas na virada do milênio, disse que uma obra clássica é qualquer arte que toque as pessoas, independentemente da geração a que essas pessoas pertençam. *Crônica da casa assassinada* satisfaz os dois critérios: consegue chocar e tocar alguém em 2021 tanto quanto tocou sessenta anos atrás.

Seis décadas depois de sua publicação, *Crônica da casa assassinada* não perdeu sua pólvora. Pelo contrário, está mais presente do que nunca o potencial inflamatório de uma obra que tece incesto, adultério, hipocrisia religiosa e fobia de tudo o que não é norma. Este livro é explosivo. E, por isso, um clássico.

A Vito Pentagna

Jesus disse: Tirai a pedra. Disse-lhe Marta, irmã do defunto: Senhor, ele já cheira mal, porque já aí está há quatro dias. Disse-lhe Jesus: Não te disse eu que, se tu creres, verás a glória de Deus?

São João xi, 39,40

1. Diário de André

(conclusão)

18 de... de 19... — (... meu Deus, que é a morte? Até quando, longe de mim, já sob a terra que agasalhará seus restos mortais, terei de refazer neste mundo o caminho do seu ensinamento, da sua admirável lição de amor, encontrando nesta o aveludado de um beijo — “era assim que ela beijava” — naquela um modo de sorrir, nesta outra o tombar de uma mecha rebelde dos cabelos — todas, todas essas inumeráveis mulheres que cada um encontra ao longo da vida, e que me auxiliarão a recompor, na dor e na saudade, essa imagem única que havia partido para sempre? Que é, meu Deus, o para sempre — o eco duro e pomposo dessa expressão ecoando através dos despovoados corredores da alma — o para sempre que na verdade nada significa, e nem mesmo é um átimo visível no instante em que o supomos, e no entanto é o nosso único bem, porque a única coisa definitiva no parco vocabulário de nossas possibilidades terrenas...

Que é o para sempre senão o existir contínuo e líquido de tudo aquilo que é liberto da contingência, que se transforma, evolui e deságua sem cessar em praias de sensações também mutáveis? Inútil esconder: o para sempre ali se achava diante dos meus olhos. Um minuto ainda, apenas um minuto — e também este escorregaria longe do meu esforço para captá-lo, enquanto eu mesmo, também para sempre, escorreria e passaria — e comigo, como uma carga

de detritos sem sentidos e sem chama, também escoaria para sempre meu amor, meu tormento e até mesmo minha própria fidelidade. Sim, que é o para sempre senão a última imagem deste mundo — não exclusivamente deste, mas de qualquer mundo que se enovele numa arquitetura de sonho e de permanência — a figuração de nossos jogos e prazeres, de nossos achaques e medos, de nossos amores e de nossas traições — a força enfim que modela não esse que somos diariamente, mas o possível, o constantemente inatingido, que perseguimos como se acompanha o rastro de um amor que não se consegue, e que afinal é apenas a lembrança de um bem perdido — quando? — num lugar que ignoramos, mas cuja perda nos punge, e nos arrebatava, totais, a esse nada ou a esse tudo inflamado, injusto ou justo, onde para sempre nos confundimos ao geral, ao absoluto, ao perfeito de que tanto carecemos.)

... Durante o dia inteiro vaguei pela casa deserta, sem coragem nem sequer para entrar na sala. Ah, com que intensidade eu sabia que ela já não me pertencia mais, que era apenas uma coisa despojada, manejada por mãos estrangeiras, sem ternura e sem entendimento. Longe de mim, bem longe agora, iriam descobrir suas formas indefesas — e com esse triste afã dos indiferentes, trabalhariam sua última *toilette*, sem sequer imaginar que aquela carne já fora viva e estremeceu em tantos assomos de amor — que já fora mais moça, mais esplendorosa do que toda juventude que se pudesse supor desabrochada por esse mundo afora. Decerto não era aquela a sua morte, pelo menos eu não a imaginara assim, nos raros, nos difíceis momentos em que conseguira imaginá-la — tão brutal e positiva, tão arrancada do fundo como uma planta nova extirpada da terra, tão injusta, na violência da sua agressão.

Ah, era inútil lembrar o que ela fora — mais do que isto, o que havíamos sido. A explicação se achava ali: dois seres atirados à voragem de um acontecimento excepcional, e subitamente detido — ela, crispada em seu último gesto de agonia, eu, de pé ainda, sabia Deus até quando, o corpo ainda vibrando ao derradeiro eco da experiência. Nada mais me apetecia senão vagar pelas salas e corredores, tão tristes quanto uma cena de que houvesse desertado o ator principal — e todo o cansaço dos últimos dias apoderava-se do meu espírito, e a sensação do vazio me dominava, não um vazio simples, mas esse nada total que substituí de repente, e de modo irremissível, tudo o que em nós significou impulso e vibração. Cego, com gestos manobrados por uma vontade que não me pertencia, abria as portas, debruçava-me às janelas, atravessava quartos: a casa não existia mais.

Sabia disto, e qualquer consolo me era indiferente, nenhuma palavra de afeto ou de revolta poderia me atingir. Como um caldeirão já retirado do fogo, mas em cujo fundo ainda fervem e fumegam os detritos em mistura, o que me dava alento eram os restos daquele período que eu acabara de viver. No entanto, como movido por uma força que mal acabara de repontar em meu ser, uma ou duas vezes me aproximei da sala em que ela jazia, entreabri a porta, olhei de longe o que se passava. Tudo era de uma repugnante banalidade: dir-se-ia a mesma cena que estava acostumado a ver desde a infância, caso não a transfigurasse, como um sopro potente, invencível, esse hálito sobrenatural que percorre todo ambiente tocado pela presença de um cadáver. Da mesa da sala de jantar, que já servira em sua longa vida para tantas refeições em comum, para tantas reuniões e concílios de família — ela mesma, Nina, quantas vezes não fora julgada e dissecada sobre aquelas tábuas? — haviam feito uma essa provisão. Nos cantos, dispostas por essas mãos que a pressa inventa exatamente para momentos semelhantes, quatro velas solitárias. Velas comuns, recendendo a comércio barato, provavelmente vindas do fundo de alguma gaveta esquecida. E dizer-se que isto era a paisagem do seu último adeus, o cenário que comportava sua derradeira despedida.

Tornava a fechar a porta, sentindo que me era impossível imaginá-la morta. Nenhum outro ser parecia mais imune e mais afastado da destruição. Mesmo nos últimos dias, quando já não havia possibilidade de imaginar outro desenlace, mesmo nessas ocasiões em que, através do silêncio e da indulgência, percebemos aterrorizados a condenação de que não se pode mais duvidar, mesmo assim não podia supô-la na situação em que eu agora a via, estendida sobre a mesa, enrolada num lençol, um cordão amarrando-lhe as mãos, olhos fechados, o nariz sobressaindo inesperadamente aquilino. (Lembrava-me da sua voz: “Meu pai sempre dizia que eu tinha um pouco de sangue judeu...”) Nenhum outro ser existira mais intensamente preso à mecânica da vida, e seu riso, como sua fala, como sua presença inteira, era um milagre que acreditávamos destinado a subsistir a todos os desastres.

Divago, divago, e ela não se acha mais aqui. Que adianta dizer, que adianta pensar essas coisas? Em certos momentos a consciência desta perda atravessa-me com uma rapidez fulgurante: ah, finalmente vejo-a morta, e a mágoa de tê-la perdido é tão grande que chega a interceptar-me a respiração. “Por quê, por quê, meu Deus”, exclamo baixinho. Apoio-me à parede e todo o sangue

aflui às minhas têmporas, enquanto meu coraço**ã**o bate num ritmo descompasado. Que dor é esta que me aflige, que espécie de sentimento é este, de tão funda insegurança, de uma tão absoluta falta de fé e de interesse pelos meus semelhantes? Mas tudo isto, no entanto, não ocorre senão pelo espaço de um segundo. A força da existência comum, o fato de ter vivido ainda ontem, de ter tocado meu braço com suas mãos ainda quentes, de haver formulado um simples pedido como o de fechar uma janela, como que reconstrói a calma aparente do meu ser, e eu repito de novo, devagar, é certo, mas já sem grande desespero, sem que todo o meu íntimo sangue ante essa irremovível verdade, que ela se acha morta — e sinto que não creio mais, que uma última esperança ainda cintila em mim. No fundo do pensamento, em não sei que passiva região, imagino que ao amanhecer ela ainda reclamará suas flores, aquelas mesmas flores que nos derradeiros tempos cercavam-na, não como um adorno ou um consolo, mas do modo aflitivo e desesperado de quem procura ocultar sob seu efeito a indiscriço**ã**o de uma miséria latente. Tudo se aquieta em mim, a mentira me torna redivivo. Continuo imaginando que logo após descerei as escadas da Chácara e irei catar violetas pelos canteiros mais distantes, lá para os lados do Pavilhão, onde ainda sobram antigas touceiras em meio ao mato; calculo que, contornando a horta, e exatamente igual a todos os dias, farei um pequeno buquê no centro de uma folha de malva-cheirosa, enquanto irei repetindo, como se essas palavras tivessem o dom de consumir os derradeiros vislumbres da realidade: “É para ela, são dela essas flores”. Domina-me uma espécie de alucinaço**ã**o; mais uma vez ouço nitidamente sua voz — lenta e sem timbre — que suplica: “Na janela, meu bem, ponha essas flores na janela”. E vejo-a finalmente, intata, perfeita no seu triunfo e na sua eternidade, erguida junto a mim com as violetas apertadas de encontro à face.

Mas regresso devagar ao mundo que me rodeia. Não muito longe, provavelmente num canto da varanda, alguém comenta o calor reinante, enxugando a testa molhada de suor. Tento refazer de novo o sortilégio — em vão, a voz não existe mais. Pela vidraça entrevejo o sol que arde sobre os canteiros esturricados. Tateando com cautela um mundo que de novo desconheço, atravesso o corredor e atinjo mais uma vez a sala onde o corpo se acha exposto. Sei que há uma fome quase criminosa no meu gesto, mas que importa? Precipito-me sobre o caixão, indiferente a tudo e a todos que me rodeiam. Vejo Donana de Lara que recua com uma expressão de escândalo, e tia Ana que me olha com

evidente repulsa. Duas mãos pálidas, torneadas no silêncio e na avareza, escorregam sobre o lençol, compondo-o — imagino que pertençam a tio Demétrio. Repito, que me importam eles? Já nada existe daquilo que por bem ou por mal era a única coisa que nos unia, Nina: agora, estão para mim irremediavelmente confundidos às coisas sem nome e sem serventia. Descubro o rosto adorado, e espanto-me de que conserve uma tal serenidade, que me imponha uma tão grande distância, a mim, que fui seu filho mais do que idolatrado, que tantas vezes cobri de beijos e de soluços aquelas têmporas que agora o calor já vai embranquecendo, que colei meus lábios aos seus lábios duramente apertados, que aforei com minhas mãos a curva cansada do seu seio, que lhe beijei o ventre, as pernas e os pés, que só vivi para a sua ternura — e morri também um pouco por todas as veias do meu corpo, pelos meus cabelos, pelo meu sangue, pelo meu paladar e pela minha voz — enfim por todas as minhas fontes de energia — quando ela consentiu em morrer, e morrer sem mim...

... na penúltima noite, como aguardássemos o fim, ela pareceu melhorar de repente, e permitiu que eu me aproximasse. Não a via há muitos dias, pois caprichosa e geralmente de um mau humor que assustava até ao próprio médico, pedia que não deixassem entrar ninguém, que proibissem as visitas: queria morrer sozinha. De longe ainda, e apesar da penumbra em que se achava mergulhado o quarto — também era muito raro que permitisse abrir as janelas — divisei sua cabeça abatida sobre um monte de travesseiros, os cabelos despenteados, como se há muito não cuidasse deles. Confesso que naquele momento tive medo de que as forças me faltassem, e não pudesse avançar: um suor frio começou a escorrer-me pela testa. Mas não tardei em reconhecê-la, pois suas primeiras palavras foram de reprovação, como sempre:

— Ah, é você, André. Isto é uma imprudência, não sabe que o médico me recomendou absoluto repouso?

E adoçando um pouco a voz:

— Além do mais, que é que você quer no meu quarto?

Apesar dessas palavras, ela sabia muito bem, e particularmente naquele minuto, que qualquer fingimento entre nós era absolutamente desnecessário. Não fora eu quem pedira para entrar, ela é que mandara abrir a porta — e cedendo a que impulso, a que necessidade íntima de tomar pé na vida que se desenrolava lá fora? Talvez soubesse que durante horas e horas, dias e dias, eu não me afastara da soleira de sua porta. Qualquer ruído que viesse dali me

interessava — uma fímbria de luz, um odor de remédio, um eco — tudo fazia meu coração bater em sobressalto. Assim, abaixei a cabeça e não respondi coisa alguma. Era bem verdade que eu aceitaria tudo, tudo, para que ela consentisse, e eu ficasse um pouco mais ao seu lado. Mesmo que fosse se extinguindo, mesmo que o alento fosse pouco a pouco desaparecendo dos seus lábios, eu queria estar presente, queria sentir-lhe o mecanismo humano vibrando até que se rompesse a última corda. Nina, vendo meu silêncio, levantou-se um pouco sobre os travesseiros, suspirou e pediu-me que lhe trouxesse um espelho. “Querida consertar o rosto”, disse. E eu já ia saindo, quando ela me chamou de novo. Desta vez sua voz era diferente, quase carinhosa, bem semelhante ao modo como me tratava noutros tempos. Voltei-me, e ela pediu que eu trouxesse não somente o espelho, mas um pente, o vidro de loção, pó de arroz. Disse essas coisas como se estivesse fazendo uma brincadeira, mas não me enganei, e compreendi que espécie de agitação surda e amarga lavrava em seu íntimo. Corri à procura dos objetos pedidos e voltei a sentar-me ao seu lado, desejando examinar em seus últimos refolhos a alegria que ainda poderia sentir. Ela tomou primeiro o espelho e, devagar, como se pretendesse evitar um susto, procurou ver a imagem que nele se refletia — olhou-se durante algum tempo, depois suspirou e ergueu os ombros, como quem dissesse: “Que me importa? Algum dia tenho de me resignar a não ser mais bonita”. Ah, era verdade que se achava muito longe do que fora, mas para mim ainda existia nela a mesma secreta atração que me prendera um dia. Esse gesto simples, esse erguer de ombros, provou-me no entanto que a ideia de morrer se achava mais distante dela do que parecia. Essa impressão ainda mais se acentuou quando, apoiando-se um pouco sobre meu braço, indagou num tom que se esforçava para ser confidencial, e apenas se distinguiu por uma reservada angústia:

— Diga-me, André... ele sabe que estou assim, às portas da morte? Ele sabe que é o fim?

Olhava-me como se me desafiasse, e todo seu ser, concentrado e atento, indagava-me: “Não está vendo como eu sofro à toa? Pode dizer-me a verdade, sei que não estou morrendo, que ainda não chegou a minha hora”. Não sei mais o que respondi — “ele”, meu pai, que importava! — e voltei a cabeça, precisamente porque sabia que sua última hora havia chegado, e que daquela cama de agonizante ela não se levantaria mais. Nina percebeu o que se passava comigo e, pousando a mão sobre meu braço, esforçou-se para rir:

— Ah, André, vou contar uma coisa a você: estou boa, estou quase boa, não sinto mais aquelas coisas de antigamente... Acho que ainda não é desta vez que vocês se livrarão de mim.

E envolvendo-me num hálito morno, doentio:

— Já estou pensando no que ele vai dizer, quando me vir de pé...

Eu acreditava quase que sua fabulosa energia houvesse dominado, afinal, os germes da morte depositados em sua carne. Apoiada aos travesseiros — reclamava sempre novos, de paina leve e fresca — o busto ligeiramente inclinado para a frente, ia alisando os cabelos embaraçados, enquanto eu sustinha o espelho diante dela. Um fogo divino, uma presença maravilhosa parecia de novo inquietar-se em suas entranhas.

— Aqueles tempos bons não vão voltar, hem, André? — ia dizendo enquanto tratava os cabelos endurecidos pela febre — e você há de ver que tudo será bom como no começo. Não me esqueço nunca...

(Esses tempos, como eu queria livrar-me deles! Não haveria para ela, ai de mim, continuidade no tempo, mas eu prosseguiria, e quem iria me fazer companhia nessa extensa jornada?) Vendo meu silêncio, ela voltava a cabeça, piscava-me, a fim de evidenciar que não se achava extinta nela a memória daqueles dias que em vão eu procurava sepultar no esquecimento. E, coisa estranha, apesar daquele movimento de vivacidade, apesar do ar que ela desejava colorido e moço, havia em sua fisionomia certo tom petrificado, que dava àquele piscar de olhos o aspecto de um esgar melancólico.

— Sim, mãe — balbuciei, deixando pender a cabeça.

Ela lançou-me um olhar onde brilhava ainda um pouco de sua velha cólera:

— Mãe! Você nunca me chamou de mãe... por que isto agora?

E eu, atônito, sem poder impedir que o espelho tremesse em minhas mãos:

— Sim, Nina, voltarão os velhos tempos.

Ela continuava a pentear os cabelos, esforçando-se para desmanchar os nós — e em toda ela, aureolando-lhe a fisionomia exangue, era realmente a única coisa que ainda parecia ter vida: através das ondas que iam se refazendo, uma nova primavera, misteriosa e transfigurada, recomeçava a escorrer em seu sangue.

— Você não terá mais raiva de mim, André, nem terá de ficar muito tempo me esperando no banco do jardim. — De súbito, como se cedesse ao impul-

so da cena evocada, sua voz se fazia veludosa, de uma melancolia infantil e feminina, onde eu sentia pulsar de novo, com que emoção, toda a força de sua alma amorosa. — Nunca mais eu me esconderei como daquela vez, lembra-se? e nem arrumarei minhas malas para viajar sozinha.

Lágrimas, paisagens, sentimentos passados — que valia tudo aquilo agora? Aos meus olhos ela se desfazia como um simples ser de espuma. Não era a traição, nem a mentira e nem o esquecimento o que a fazia soçobrar sem que eu pudesse vir em seu auxílio — era exatamente o ímpeto do que existira, e era assim tão cruelmente lembrado.

— Pelo amor de Deus! — exclamei.

Então, ainda vibrando, o pente numa das mãos, ela fitou-me como se acordasse. E bruscamente uma enorme escuridão subiu aos seus olhos.

— Você não entende, você é bobo! — disse.

E suas mãos, cheias de gula — que prova requeria ela, que testemunho apagado, que reminiscência de vida? — procuravam as minhas sobre a colcha. Eu a via inclinar-se e adivinhava-lhe os seios magros por dentro da camisola. Ela interceptou meu olhar e rapidamente puxou a roupa, num movimento de pudor não pela sua nudez, mas pelo aleijão que representava agora. Voltei a cabeça, procurando esconder as lágrimas que me subiam aos olhos. Pobre, e fora inteira, com os dois seios florescendo vivos sobre a carne. Movidada por um impulso diabólico, ela se desnudou de novo, brutalmente, enquanto me sacudia:

— Bobo, por que não hão de voltar os bons tempos? Você pensa que tudo se acaba assim? Não pode ser, não é possível. Não sou tão feia assim, não me tiraram tudo, pode olhar... — e puxava-me, enquanto eu mantinha a cabeça voltada — pode ver que nem tudo se acabou ainda. Se Deus quiser, vamos para uma cidade grande, onde a gente possa viver sem que ninguém se importe com nossa vida. (Acreditaria ela no que estava dizendo? Suas mãos relaxaram meu braço, seu tom de voz se alterou.) Ah, André, como tudo passa depressa.

Calou-se, e vi que ofegava. Já as cores, tão fictícias, fugiam-lhe das faces, enquanto a cabeça descaía para trás. Menos do que as palavras despendidas, o que parecia abatê-la mais era a visão desse falso paraíso que evocava. Procurei reanimá-la, dizendo:

— Nina, você tem razão. Iremos para uma cidade grande — o Rio de Janeiro, por exemplo — onde ninguém se importe conosco.

E comigo mesmo pensava: eu não podia odiá-la, estava acima das minhas forças. Deus ou o diabo que me houvesse gerado, minha paixão elevava-se acima das contingências terrenas. Nada mais conhecia senão a sensação daquele corpo ofegando em meus braços — e ofegava de um modo tão preciso no seu transe de morte, como estremeceira outrora nas suas horas de amor. No mais íntimo do meu pensamento, eu tinha certeza de que nada mais poderia salvá-la, e para o jogo que tentávamos não serviam mais as pedras que tínhamos em mão. Amor, viagens, que significavam ainda essas palavras? No tabuleiro vazio, o destino havia colocado afinal seu irrefutável tento preto. A solução já não dependia de nossa vontade, nem das ações que cometêssemos, fossem elas boas ou más — a paz, por que tanto havíamos ansiado, seria dago-ra em diante uma estação de renúncia e de luto.

No entanto, nem eu próprio sabia o que me levava a pensar daquele modo — talvez exagerasse, talvez cedesse ao meu temperamento melancólico. Não se achava ela melhor, não conversava, não imaginava planos, como antigamente? Mas alguma coisa mais forte do que eu mesmo, do que minha triste certeza e a inábil previsão dos fatos, dizia-me que precisamente aquelas frases ditavam o impulso final, e que a morte erguera à sua cabeceira o decreto de férias eternas. Podia ela tentar ainda os últimos recursos, podia rir e insultar-me, ou dizer que partia e abandonava Vila Velha para sempre, ou apenas devorar-me de beijos e de mordidas — eu sabia que agora fitava em torno com olhos que já não eram mais deste mundo, e eu tinha forças para tudo, menos para mentir diante desse olhar. O que vinha nele erguia-se com o impulso de uma seiva ascendendo ao longo de um caule — só que a ramaria se achava morta, e nenhuma flor brotava mais desta paisagem em despedida. Sim, decerto ainda era um beijo, uma carícia — mas dirigiam-se a mim como se eu não estivesse mais naquele lugar. Não sua alma, mas seus lábios apenas, impregnados dessa saliva grossa que era como o último resíduo da paixão terrena e do esforço da carne, tentavam reanimar o delírio da vida passada. Faces, situações, paisagens, borbulhavam no fundo dessa procura. E eu me calava, confrangido. Através de seus esforços, ela devia sentir o meu silêncio. Na sua febre, devia imaginar que fosse ainda o ressaibo de uma das nossas zangas antigas — e talvez, cega, ainda me supusesse subjogado às perspectivas que ainda me traçava, mas nas quais eu não acreditava mais. É que eu tinha consciência de que já nos achávamos diante da cena final, e um soluço seco, irrefreável, atravessava-me a garganta — so-

luço que jamais rebentava, mas que permanecia sempre, e me impedia de pronunciar a menor frase que fosse. Então, devagar, sua mão roçou minha face, deslizou até meus lábios.

— Ah, é assim? — exclamou num tom de inexprimível tristeza. — É assim que você me agradece, quando eu o deixei vir para o meu lado? Tenho certeza, André, de que você já se esqueceu de tudo.

Ainda algum tempo seus dedos afagaram-me o rosto, experimentaram-me os lábios — como se deles procurassem arrancar a palavra que tardava — e depois, novamente endireitando-se na cama, retomou o pente e pôs-se a alisar os cabelos, num gesto mecânico. Uma ou outra vez, como uma luz que esmorece aos poucos, vi um relâmpago que ainda atravessava seus olhos — mas era o sinal de uma tempestade que se afasta, deixando o campo adormecido e entregue aos seus ímpetos desmanchados. E eu não podia dizer que noite já adivinhava chegando sobre a paisagem que a compunha, que odor de mofo e de sepultura já sentia crescendo de suas palavras.

— Está certo, André — tornou depois de algum tempo. — Está certo. Já sei de tudo: você encontrou afinal o seu caminho. Bastou que eu me afastasse, para saber que estava pisando num caminho errado. — De grave, sua voz passou a um tom aliciador, canalha. — Mas você não pode viver sem mulheres, André; aposto como já arranjou uma das empregadas da Chácara... uma conquista fácil, não foi?

Então a dor em mim foi maior do que tudo, e eu bradei com violência:

— Nina!

Como me inclinasse sobre ela, afastou-me quase com violência:

— Não me chame assim, está proibido de me chamar assim.

Voltei ao meu lugar, cedendo ao tom daquela voz que desta vez tanto me lembrava a Nina autoritária do passado. Ela contemplou-me em silêncio durante algum tempo, e sem dúvida sentiu-se satisfeita com o efeito de suas pérfidas palavras. Baixo, como quem avalia o resultado do que vai dizer, continuou:

— Posso até jurar como já pensa na hora da minha morte. Quer se ver livre de mim...

— Não! Não! — atalhei, desesperado, atirando-me sobre as cobertas. — Como pode ser ruim assim, como tem coragem para dizer essas coisas? Você gosta de me ver sofrer, Nina, sempre gostou...

Sim, eu sabia, mas que me importava naquele instante? Que me importava qualquer outra coisa que não fosse abraçá-la, cobri-la de beijos, afirmar uma última vez, antes que ela partisse, que só nós existíamos, e que o céu, o inferno e tudo o mais eram noções infantis e sem importância? Deitado, a cabeça mergulhada entre as colchas que eu amarfanhava com as mãos, permitia enfim que minhas lágrimas corressem livremente — e sentia seu talhe estremer ao toque das minhas mãos, fugindo, deixando afagar-se, tão sensível como uma planta açoitada pela fúria do vento. Só neste único minuto em que revelava toda a extensão do meu desamparo, a paz pareceu descansar em seu coração. Devagar, tocou-me os cabelos, acariciou-os:

— Sou tão miserável, André, tenho tanto ciúme. E no entanto, você vai ficar aí, e eu tenho de partir... — e soluçava baixinho, como se não ousasse elevar o tom, e nem enxugar as lágrimas que lhe escorriam pelo rosto. Ergui a cabeça e limpei-lhe os olhos com a ponta da colcha.

— Nina, não há ninguém em minha vida. Juro como não há ninguém. Como poderia haver quem quer que fosse, depois de tê-la conhecido? — Aos poucos, e como não se importasse ela, fui descansando a face sobre seu colo. Ah, que me importava que estivesse doente, e naquele flanco onde tantas vezes meus lábios ávidos haviam corrido, desabrochasse agora a boca tumefata e sequiosa da decomposição...

Então, com força, ela segurou minha cabeça entre suas mãos, e seus olhos perdidos fixaram-se nos meus:

— Jura, jura de novo para que eu possa acreditar! Você não teria coragem para mentir a uma mulher que estivesse prestes a partir deste mundo, teria?

— Nunca — menti, e havia uma calma decisão na minha voz.

— Então jura, jura agora! — implorou.

Jurar que não havia outra mulher em minha vida, jurar que ela não se achava às portas da morte, jurar o quê, meu Deus? E no entanto jurei, o rosto colado contra o seu seio. Jurei, e teria jurado tudo o que ela quisesse, e cometido todos os perjúrios, se disto dependesse a tranquilidade do seu espírito. Quando ergui a cabeça, seus olhos rebuscaram os meus, e havia neles uma impressão alienada e cheia de susto, como nos olhos de certos animais. Dir-se-ia que vislumbrava acima de mim, de minhas palavras, um mundo cujo entendimento já não lhe pertencia mais. Deixou escapar um suspiro, afastou-me

e voltou a pentear morosamente os cabelos. Mas devia ter gasto muitas forças, pois o pente caiu-lhe das mãos e, mortalmente pálida, exclamou:

— André!

Tomei-a entre os braços, recostei-a de encontro aos travesseiros. Ofegava. O silêncio tombou sobre nós e, através desse silêncio, como se dilacerassem uma bruma até aquela hora onipotente, os objetos usuais da doença — frascos de remédio, rolos de algodão, ampolas, tudo o que se acumulava em torno e que, por um momento, eu havia conseguido subtrair do pensamento — repontaram cheios de força. De pé, eu a examinava: uma máquina desconhecida, trabalhando não sei que tecelagem escura e mortal, recomeçou a funcionar no seu íntimo. Não poderia dizer quanto tempo levamos assim, até que afinal ela voltou a si e disse:

— Que foi? Que se passa comigo?

Tentei acalmá-la, dizendo que ainda estava fraca, e provavelmente falara mais do que devia. Ela moveu a cabeça negativamente e respondeu com estranha calma:

— Não. Este minuto foi como um aviso. Não há dúvida, André, é o fim que está chegando.

Tomou novamente minha mão entre as suas, e ficou quieta. Alguém, não muito longe de mim, fez um gesto na obscuridade. Era hora, eu devia partir. Mas sentia o tempo escorrer em meu ser, e fixava-me naquele lugar como se houvesse adquirido raízes. O médico aproximou-se, tocou-me no ombro — era um moço tímido, que havia chegado há poucos dias do Rio — e indicou-me a porta como se dissesse que era inútil mais qualquer esforço. O mundo se reapossava do meu sonho. Antes de sair, no entanto, olhei para trás uma última vez: Nina dormia, mas nada em sua fisionomia denotava qualquer semelhança com uma pessoa viva.

... (Naquela noite passei interminavelmente pelo jardim, rondando a janela acesa do quarto em que ela se achava. A sombra do médico deslizava contra o fundo branco da parede. Em determinado momento, vi meu pai que se inclinava, e seu aspecto pareceu-me mais abatido do que nunca. Que sofreria ele, que sentimentos ocultaria no fundo do peito, que orgulho triste e inteiramente descabido naquela hora? Pensei mesmo em dirigir-lhe a palavra, em meu espírito chegou a se formar um movimento semelhante a uma intenção de consolo, mas meus lábios recusaram-se a pronunciar o menor som e, quan-

do o encontrei na escada, também ele procurando a solidão do jardim, deixei-o passar, duro, sem poder fazer um gesto sequer.)

... Ao colocar as flores no seu colo, ela reabriu os olhos e vi então que já parecia inteiramente ausente deste mundo. Poderia repetir ainda os mesmos gestos dos vivos, pronunciar até palavras semelhantes — mas a força vital já se despedia do seu corpo, e ela se achava nesta fronteira indevassável de onde os mortos espiam indiferentes a área por onde transitamos. Mesmo assim, por um esforço de sobrevivência, ou quem sabe por uma simples imposição do hábito, tomou as violetas nas mãos e levou-as devagar às narinas — tal qual fazia nos tempos passados, com a diferença que não sorvia mais o perfume com a mesma sofreguidão, e seu gesto de agora era relaxado e mole. O braço descaiu e as violetas espalharam-se sobre a cama.

— Não posso — disse.

Também nada mais reconheci naquela voz — era um produto mecânico e frio, um som emitido com dificuldade, audível ainda, mas sem consistência, com a flacidez morna do algodão. Não tive coragem para dizer coisa alguma e fiquei simplesmente ao seu lado, pedindo a Deus, com lábios que não tinham nenhum calor da fé, que me transmitisse um pouco daquele sofrimento. Advertida talvez por essa última consciência dos moribundos, que os faz bruscamente destacar uma minúcia do amontoado em que as formas se aglutinam, fitou-me. Depois, com um lampejo de compreensão, procurou ocultar o que se passava com ela, e voltou a cabeça para o lado. Assim ficamos, perto e distantes, tendo entre nós dois a poderosa presença que nos dividia. Eu jurara que seria sensato e que forçaria a dor a calar-se no fundo do meu coração, não porque me importasse sua repercussão aos olhos alheios, mas unicamente a fim de evitar a criação dessa tensa atmosfera de adeus que circula em torno dos agonizantes. Vendo-a porém já meio submersa na noite, e tão apartada de mim como se sua presença fosse apenas memória, sentia galopar em meu peito o ritmo de um desespero, de uma raiva que não se continha mais. E por uma bizarra coincidência — ou, quem sabe, precisamente pelo inelutável da hora — eu adivinhava que em nossas memórias subiam apenas imagens do tempo esgotado. (Ela, à borda da água, no dia em que, desejando-a tanto, tocou-me os lábios com os dedos, dizendo: “Você nunca beijou ninguém...” — ou esse outro dia em que, sentada num tronco abatido, vergastou-me de súbito as pernas, exclamando: “Mas você já é um homem!” E tantas outras lembranças que ago-

ra chegavam, e iam se multiplicando como sob o efeito de um entorpecente, desenlaçando-se como uma gigantesca espiral colorida, e onde avultava sempre, como um sol visto de todos os lados, a sua figura resplandecendo.)

Ela voltou-se para mim como se também houvesse descoberto meu pensamento:

— Seria tão bom, André, se de novo pudéssemos viver como antigamente!

Sem ousar aprofundar seu pensamento, todo ele cheio de ideias pecaminosas que devia repelir naquele supremo instante, sua mão roçou uma das violetas abandonadas, ergueu-a como se tentasse arrancar do passado seu humilde testemunho, depois abandonou-a — a flor tombou no assoalho.

— Mas talvez... talvez — murmurei, sem nem ao menos saber direito o que dizia.

Uma desesperada chama, possivelmente seu último apelo à vida material que se afastava, reacendeu-se àquelas palavras.

— Talvez! — e sua voz vibrou pelo quarto inteiro. — Ah, talvez, quem sabe, André?

E tentou levantar-se. Sua mão fria, de ossos salientes, obrigou-me a vergar, enquanto mais uma vez, com uma sede idêntica à do viajante que entorna as derradeiras gotas de água existentes no fundo do cantil, seus olhos me buscavam — e devoravam-me o tecido exterior, a trama íntima, a figuração derradeira que me constituía e me erguia o ser, para aprofundar-se além dessa coisa cerrada e triste que é o âmago da matéria, o laço umbilical, e pervagar através da minha essência, lúcida e cambaleante, à procura da veracidade do amor que nos unira — e a palavra enfim, o adeus, a força, a sugestão e o carinho, que haviam feito de mim a criatura entre todas única que sua paixão havia escolhido. Uma nuvem escureceu-me a vista, apoiei-me à cama para não cair.

— Quem sabe — disse ela ainda — quem sabe não seja isto o fim de tudo. Acontece tanta coisa, tanta gente se salva.

E afogando-me em seu hálito ardente:

— Você acredita que haja milagre, André? Acredita que haja ressurreição?

Como eu demorasse a responder, e me sentisse violentamente jogado contra paredes escuras e sem vibração, ela sacudiu-me, numa impaciência que lhe duplicava as forças:

— Você prometeu que não me diria uma só mentira. Vamos, fale, pelo amor de Deus: o milagre existe?

— Não — respondi, e eu próprio me assustei com a calma da minha voz.
— O milagre não existe. E não há ressurreição para ninguém, Nina.

O silêncio que sucedeu a essas palavras foi tão grande, que senti como se houvesse baixado sobre nós um inesperado crepúsculo. Em seus lugares, frios, os objetos perdiam sua última luminosidade, e convertiam-se em quietas formas de ferro. Quando ela voltou a falar, foi como se sua voz subisse do fundo de um poço:

— Iremos para longe, André. Como me faz mal esta cidade, esta casa. E há outros lugares, juro como há outros lugares, onde poderemos ainda viver e ser felizes.

Não me contive mais e fiz um esforço para libertar-me. Aquilo ultrapassava tudo o que eu poderia suportar. Preferia a distância e o isolamento, preferia não vê-la nunca mais, a ser submetido àquele inquérito frente a frente, e no qual não me era permitido o menor subterfúgio. Ela sentiu minha relutância e seus olhos se enevoaram.

— Você quer fugir de mim, não é? Você quer fugir, André, sinto que já não é o mesmo de antigamente.

Não sei que força sobre-humana impulsionava-a naquele minuto, mas o certo é que, sob pressão daqueles sentimentos, conseguira sentar-se na cama, apesar do suor que lhe escorria pelo rosto magro, e de respirar aos arrancos, como se estivesse prestes a desfalecer. Agora, em vez de reter-me apenas a mão, puxava-me o braço, o corpo todo, num derradeiro esforço para me submeter. Eu relutava, porque temia vê-la sucumbir entre meus braços. Abaixei-me, sem contudo ceder completamente à sua vontade — e como continuasse ela a me puxar, de vez em quando, nesta luta, sua face quase roçava a minha, eu sentia subir até às narinas aquele bafio de corpo doente e longamente retido entre cobertas. Isto, no entanto, não me despertava senão uma intensa e desoladora piedade. Este esforço durou talvez o espaço de um minuto e, compreendendo afinal que ia perder, não sei que instinto a moveu, nem que essência feminina ferida e ultrajada comandou o seu gesto — sei apenas que, erguendo a mão, desferiu-me uma bofetada. A mão bateu-me flácida no rosto, e eu fitei-a, estupefato, com olhos onde não existia nem sequer o menor vislumbre de rancor.

Contemplamo-nos, e um arquejo subiu à sua boca:

— Você está fugindo, André, fugindo de mim. Isto é para que nunca se esqueça, para que diga um dia: ela me deu uma bofetada, a fim de me castigar da minha indiferença.

E mais baixo, com um sorriso tão triste que eu senti apertar-se o meu coração:

— E também para que você não me atraíçoe à toa, André. Para que não minta e diga: pequei, mas este pecado apenas me trouxe orgulho.

Só aí as lágrimas vieram aos meus olhos, não de dor, que eu próprio já não conseguia mais sentir coisa alguma, mas pela consciência da minha inutilidade ante aquele ser tão desgraçado, que ainda se agarrava a esses últimos lampejos de vida. E que vida era aquela, que passado, que futuro evocava, tentando aprisionar-me num esforço final, quando mais nada podia nos salvar no caminho que já agora trilhávamos. Mais nada. Ah, que miséria a nossa, e como eu sentia estremecer na minha carne o desespero da criatura condenada. Como virasse o rosto, ela percebeu nele o rastro das minhas lágrimas.

— Sou estúpida, André, não tenho o direito de falar assim. Tenho certeza de que jamais morreremos um para o outro. Como é que você poderia me esquecer, se foi comigo que aprendeu tudo o que sabe?

Calou-se. Seus olhos, no entanto, não se apartavam dos meus — como se desejasse arrancar deles a verdade sobre a situação real em que nos achávamos. Era fácil dizer que jamais morreríamos um para o outro — mas como acreditar nisto, se em torno tudo ia se estiolando lentamente? Foi grave, quase solene, que voltou a dizer:

— Quero que você se lembre sim, André, caso... caso suceda alguma coisa. Quero que você se lembre e seu coração jamais me perca de vista. Quero que em certas noites lembre-se de como eu o tocava com minhas mãos — e nunca se esqueça do primeiro beijo que trocamos, junto àquela árvore grande do Pavilhão. Quero que nunca mais pise num jardim, sem lembrar do jardim que foi nosso. E nem que espere pessoa alguma neste mundo, sem lembrar-se de como me esperava, sentado naquele banco dos últimos encontros. Quero que você sempre se lembre do calor do meu corpo, e das coisas que eu disse, quando você me tomou em seus braços. Quero...

Ajoelhei-me, devagar. Com uma força terrível, que uma espécie de ânsia duplicava, obrigou-me a inclinar a cabeça sobre seu peito, a roçar com minha boca seu queixo e seus lábios. Mas pouco a pouco a pressão foi cedendo e, exausta, deixou pender a cabeça de lado, olhos fechados.

.....
A última noite em que a vi...
.....

Quando soube que Timóteo, meu tio, havia sido retirado da sala, e que esta se esvaziara, para lá me dirigi a fim de dizer àquela que se ia o meu último adeus. Logo no limiar distingui um vulto de costas, e reconheci facilmente meu pai. Voltou-se, assim que entrei, e pareceu-me bastante envelhecido, se bem que ainda conservasse sua atitude perfilada, e seu insuportável ar de fidalgo da província. Não sei, no entanto, que espécie de atração foi a que sua presença exerceu naquele instante sobre mim — eu, que nem sequer o olhava quando esbarrava com ele no corredor. Creio poder afirmar, no entanto, que só aí tive inteira consciência de que os Meneses não existiam mais. Tinha vindo para me despedir de um cadáver — e, durante alguns segundos, foi aquele homem que siderou meu olhar como se eu descobrisse um morto de repente. E um morto estranho, que eu nunca havia visto antes, que eu não sabia quem fosse, que para mim não ostentava nome e nem identidade alguma. Imóvel, indaguei de mim mesmo, aflitamente, se aquele sentimento de estranheza não seria o resultado de um longo e paciente trabalho de desagregação. Mas repito, fato estranho, eu o contemplava com uma indiferença que se formulava em minha própria carne, em meu sangue e em meus nervos — eu o contemplava como um ser surgido de outro mundo, e a que lutamos para revestir de qualquer aparência humana. Talvez atraído também pelo meu olhar, ele veio chegando, mas o caixão se interpunha entre nós dois — então, automaticamente, e sem poder quase desviar a vista de mim, ele aproximou-se da morta, ergueu o lenço que lhe vedava o rosto, fitou-a. Foi a este gesto, precisamente, que a aparência humana começou a revesti-lo — e eu tive certeza de que me achava frente a frente com um desconhecido.

Assim que ele se afastou, fui direto ao caixão, onde estaquei: era uma urna muito simples, trabalho de Mestre Juca, forrada de pano ordinário e com alças de metal. O corpo, enrolado num lençol, descansava sem que nenhuma flor o enfeitasse. Talvez tivesse sido ela própria quem ordenara aquela nudez, aquele despojamento.

Sem pressa, com a mesma timidez de quem desobedece ditames de uma lei oculta, inclinei-me e levantei a ponta do lençol. Foi a primeira vez que vi o rosto de um cadáver, e aquilo deu-me uma sensação estranha como se uma música longínqua, em acordes muito finos, vibrasse em meu espírito. Ah, seria impossível expressão humana modificar-se com maior rapidez: nela, de linhas tão suaves e perfeitas, tudo havia sido vincado com violência, desde os cílios